

Espaços e populações do século XXI

O mundo do século XXI herdou das últimas décadas a necessidade de compreender e regular os desafios e oportunidades gerados pelo processo de globalização, mas também a urgência de enfrentar os riscos a eles associados. O processo avança ao nível da reflexão científica e consubstancia-se na adopção de novos significados e conteúdos de conceitos, como os de Estado, Segurança ou Identidade Política. Incorpora ainda novas noções, como as de Sociedade em Rede ou de Informação, Cidades Globais, Economia em Arquipelago. Transforma-se a ideia de espaço e o modo como as populações humanas, também elas novas populações, o percebem e utilizam. A trilogia População-Recursos-Desenvolvimento está na ordem do dia, no momento em que se torna claro que a nova realidade mundial em construção não esbata as diferenças entre povos. Ao invés, parece potenciar a distância entre ricos e pobres, associada a processos de exclusão, passíveis de tradução espacial, os quais podem vir a constituir focos de risco de segurança humana à escala internacional.

As Populações Humanas num Mundo a duas Velocidades

Entre 1900 e 2000 a população mundial quadruplicou. Embora a progressiva alteração dos comportamentos colectivos face à vida e à morte se traduza na recta final da centúria por um ténue declínio dos ritmos de crescimento demográfico, ele é ainda pautado por grandes assimetrias geográficas. Somos hoje 6,8 mil milhões. As projecções efectuadas sobre a evolução provável dos quantitativos humanos até final do século XXI apontam para uma desaceleração das dinâmicas globais e um consenso sobre o perfil das novas gentes: mais velhas, mais instruídas, mais saudáveis. Mas é impossível evitar esse acréscimo, consequência incontornável do factor de inércia demográfica. Em termos quantitativos falamos de mais um a três milhares de milhões de indivíduos, essencialmente urbanos e de origem asiática e africana.

ECOLOGIA HUMANA

A Ecologia Humana (EH) pode ser definida como o estudo das relações, no tempo e espaço, entre a espécie humana e as outras componentes e processos do ecossistema de que é parte integrante. Incorpora princípios e níveis de organização da Ecologia, alicerçados em torno dos conceitos de ambiente, população, organização e tecnologia. Trata-se de uma nova forma de olhar para o que nos rodeia e de reequacionar o presente, com vista a assegurar a qualidade de vida das populações humanas futuras. Visa conhecer a forma como as populações humanas concebem, usam e afectam o ambiente, bem como o tipo de respostas existentes às mudanças ocorridas no ambiente biológico, social e cultural.

1. A EH olha a realidade em estudo como uma totalidade (visa construir uma visão global e integradora do segmento de realidade que decidiu analisar. Verifica todas as vertentes possíveis e impactos imediatos e futuros, de modo a poder "sugerir" novas formas de actuação).
2. A EH é uma ruptura epistemológica (assume o homem como parte integrante da natureza e apresenta uma visão sistémica).
3. A EH implica uma visão de conjunto (é impossível isolar objectos de estudo).
4. A EH apresenta uma nova ética (tem implícita uma perspectiva de futuro e exige posturas e atitudes de cidadania responsável e opções quotidianas, de que resulta a sua ligação à esfera política).

Coloca-se assim, uma vez mais na história da Humanidade, a questão de assegurar o equilíbrio entre população e recursos, que não ponha em causa o necessário e desejado desenvolvimento económico, social e cultural e permita a aproximação gradual entre populações. É possível agir sobre os modos de vida, a fim de os tornar mais respeitadores do ambiente, natural e construído, e mais sustentáveis em recursos. A verdadeira questão da qual depende o futuro da espécie humana é menos a do número e mais a do modo de vida. No mundo globalizado de amanhã, as sociedades económica e socialmente mais desenvolvidas estarão totalmente dependentes das migrações. Os gigantes asiáticos tenderão a estabilizar e a Índia será o maior país do mundo, suplantando a China envelhecida. África, o continente jovem, verá a sua população duplicar uma vez mais. O envelhecimento progressivo das estruturas etárias de todas as populações torna-o um facto global, mas que será um problema de médio prazo.

Globalização e sociedade de risco

Aquecimento global, subida do nível médio das águas, desertificação, fome, migrações, catástrofes naturais concorrem com os cenários mais pessimistas sobre os efeitos da «sobrepopulação». Vivemos numa

sociedade que cria ela própria os principais riscos que tem de enfrentar e introduz cenários de incerteza, que contribuem para aumentar a percepção individual e colectiva de insegurança. O ambiente não se preocupa com as condições necessárias à sobrevivência humana, mas oferece-lhe recursos potencialmente úteis para a sua vida. São as populações que o modificam de forma mais ou menos elaborada, consoante o seu grau de estruturação. Sucede, porém, que hoje já não se trata, como no passado próximo, de utilizar a natureza e moldá-la em função dos interesses humanos, como denota o investimento empregue na gestão e resolução dos problemas resultantes do

processo de desenvolvimento tecnológico e económico.

O homem do século XXI confronta-se com diferentes tipos de risco (naturais, tecnológicos, globais, mistos) e com diferentes dimensões de análise de risco: 1) espacial (a poluição não conhece fronteiras); 2) temporal (alguns perigos têm um período de vida longo, como sucede com os resíduos nucleares ou organismos geneticamente modificados); 3) social (é difícil identificar um culpado, já que o problema resulta dos efeitos combinados de vários actores). Os riscos não são uma invenção da modernidade, o que mudou foi a escala, a magnitude e as consequências. Falamos de riscos sem fronteiras, que exigem respostas a nível interno (escala nacional) e de cooperação internacional: pensar global e agir global ou pensar global e agir local?

Com efeito, a relação do Homem com os Ecossistemas surge hoje acompanhada de novas dúvidas e inquietações, suscitadas pelas mudanças exigidas pela globalização das relações internacionais, com impactos visíveis no tempo (maior velocidade nos processos de transformação), na escala geográfica (do local ao global), na intensidade (os ecossistemas perdem capacidade de adaptação), no crescimento populacional e sobretudo nos padrões de consumo. Trata-se de um processo aberto e contraditório, de que resultam diferentes formas de risco, só resolúveis com novas formas de governação.

HOMEM E AMBIENTE: DESAFIOS E OPORTUNIDADES DE DESENVOLVIMENTO



Fonte: Adaptado de LAWRENCE, R. — "Human Ecology". *Our Fragile World. Challenges and Opportunities for Sustainable Development.* (ed. M. K. Tolba), Eolss Publishers, Oxford, 2001.

Teresa Ferreira Rodrigues

Como reagir num Mundo marcado por espaços contrastados? Os processos de globalização tendem a homogeneizar os espaços sociais e acentuar os contrastes em populações crescentemente urbanas; os comportamentos colectivos homogeneizam-se, mas os vários tempos do processo originam realidades diversas. Aumenta a mobilidade humana, complexificam-se as relações entre grupos, crescem as tensões sociais. Níveis de vida e consumo tendem a aproximar-se, mas aprofunda-se a fractura entre ricos e pobres, a nível económico, sanitário e educativo. Em 2008, a subida dos preços das matérias-primas contribuiu para agravar a situação dos países importadores de produtos agrícolas e de petróleo, com particular gravidade em África.

“Não herdamos o presente dos nossos pais, emprestamo-lo aos nossos filhos”

O aumento da população de 6,3 para 11 mil milhões neste século traz consigo um desafio ecológico imenso. O planeta não tem falta de recursos naturais e a verdadeira questão reside na desigualdade da sua distribuição. Vivemos um período de optimismo relativo, mas alguns são os sinais de alerta, porque é impossível calcular a capacidade da biosfera e os limites do povoamento do planeta e porque a interferência humana no ambiente se arrisca a provocar o colapso de alguns ecossistemas. O grande problema actual reside no facto do ritmo de exploração, degradação e destruição dos recursos naturais se ter tornado mais rápido que a capacidade da Natureza para os repor. Reside sobretudo nos moldes de consumo e nos valores que subjazem à ideia de qualidade de vida. A relação do Homem com o planeta Terra passa hoje por uma crise de duração imprevisível em ritmo e intensidade, que poderá vir a adquirir uma gravidade crescente na segunda metade do século XXI e se traduz no aumento da pegada ecológica.

Quais são os grandes riscos actuais e futuros? Alguma controvérsia e muitas hesitações rodeiam as tentativas de hierarquização dos mesmos.

As alterações climáticas e aquecimento global levantam muitas incertezas quanto às consequências económicas e de saúde colectiva, ao *timing* e modo de actuação (preventivo ou profiláctico, reactivo ou de adaptação). Tome-se o exemplo da baixa dos recursos em água doce. Hoje 1000 milhões de pessoas não têm acesso a quantidade suficiente e 2 mil milhões não têm água potável. O aumento do consumo é acompanhado pela redução da qualidade, com impactos na segurança alimentar e no estado de saúde pública. No futuro próximo o aumento demográfico irá por si só fazer subir as necessidades, facto que gera desafios tecnológicos e de solidariedade, visível nas conferências de Nova Iorque (1997), Marraquexe, Haia (2000) ou Quioto (2003). Financiar água torna-se um problema de solidariedade internacional.

O estado de saúde das populações tem melhorado, mas apesar dos progressos a situação está longe de ser satisfatória, porque sobrevêm doenças que se julgavam controladas, surgem novas doenças contagiosas (sida, tuberculose pulmonar, herpes genital, males sexualmente transmissíveis), a que se adicionam doenças crónicas não transmissíveis nos países em desenvolvimento, ligadas ao álcool e tabaco (cancro do pulmão, suicídios, incapacidades e perturbações mentais, em parte devidas ao envelhecimento). Existe um volume cada vez maior de indivíduos sem cuidados de saúde e os medicamentos continuam a não ser acessíveis a todos, com fortes desequilíbrios norte/sul (90% dos meios estão adstritos a 10% da população, segundo a OMS). Os impactos são conhecidos. Só em África perdem-se 12 milhões de dólares/ano devido ao paludismo, quando uma parte seria suficiente para o controlar. Destacam-se os riscos tecnológicos, de que a energia nuclear constitui o exemplo mais acabado. A electricidade com origem nuclear contribui para reduzir o impacto do aquecimento global na produção energética (17% do total, 31% na UE). Porém, a sua utilização potencia acidentes, libertação de gases radioactivos, uso para fins militares ou terroristas. Outra área é a da pesquisa genética (biologia molecular, clonagem, produção de organismos geneticamente

QUAIS OS GRANDES RISCOS / PROBLEMAS?

1. Assimetrias distribuição populacional
2. Urbanização
3. Diversificação das migrações
4. Mobilidades da paz e da guerra
5. Envelhecimento do Mundo
6. Ricos e pobres
7. Viver e morrer
8. Doenças globais
9. Educação. Fracturas e concorrência

DURAND, J. C. et alii, 2008.

1. Alterações climáticas
2. Saúde pública
3. Acesso a água potável
4. Riscos tecnológicos

LOMBORG, Bjorn ed., 2004.

1. Economia
2. Ambiente
3. Governança
4. Saúde e população

LOMBORG, Bjorn ed., 2007.

modificados). Ambos colocam a questão da avaliação do risco, numa perspectiva científica, ética e política. Daí a importância crescente dada ao Planeamento Ecológico. A implementação dos princípios norteadores do Desenvolvimento Sustentável deve basear-se num planeamento eficaz, que:

- 1) viabilize o crescimento populacional na óptica de sustentabilidade de recursos e reduza o uso de produtos prejudiciais à saúde nos processos de produção alimentar;
- 2) garanta alimento para todos a longo prazo, através da adequação das culturas e da estabilização dos solos aos recursos locais, a reflorestação e o recuo da desertificação;
- 3) preserve a biodiversidade e os ecossistemas, mesmo em contextos de pressão humana;
- 4) reduza o consumo de energia não renovável e desenvolva tecnologias que promovam o aproveitamento e consumo de fontes de energia renováveis;
- 5) aumente a produção industrial baseada em tecnologias ecologicamente adaptadas;
- 6) controle os moldes de ordenamento do território;
- 7) aposte na educação ambiental, fonte de novas formas de cidadania e comportamentos (a reciclagem de materiais renováveis/aproveitáveis ou o não desperdício de água e de alimentos são exemplos da importância da educação das gerações futuras)

A construção de um futuro sustentado exige que se reorientem os esforços tecnológicos, de forma a assegurar que nunca se atinjam situações limite. Serão mortais as civilizações, como defendia Paul Valéry, e estarã

em risco o Mundo que conhecemos? Preferimos concordar com Gilles Pison, quando defende que o problema não reside no aumento populacional, na subida das taxas de urbanização ou nos limites da biocapacidade, mas tão só nos modos de vida das populações humanas do futuro. ■

Referências bibliográficas

- DURAND, M.F. et alii — *Atlas de la Mondialisation. Comprendre l'espace mondial contemporain*, Sciences-Po. Paris: 2008.
- BADIE, Bertrand — *La fin des territoires. Essai sur le désordre international et sur l'utilité sociale du respect*. Paris: Fayard, 1995.
- BAYLIS, John and SMITH, Steve — *The Globalization of World Politics*, 3.ª ed. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- LOMBORG, Bjorn ed. — *Global Crisis, Global Solutions*, Cambridge University Press, 2004.
- LOMBORG, Bjorn ed. — *Solutions for the World's Biggest Problems: Costs and Benefits*, Cambridge University Press, 2007.
- LEAL, Catarina — *Riscos de Instabilidade no Magrebe e Segurança Energética em Portugal*, Dissertação de Doutoramento em Relações Internacionais, FCSH-UNL, Lisboa, 2009.
- UNITED NATIONS POPULATION FUND — <http://www.unfpa.org/public/News/pid/2218>.
- EUROSTAT — <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page/portal/population/data/database>.
- POPULATION REFERENCE BUREAU — <http://www.prb.org>.
- RODRIGUES, Teresa — “A Dinâmica das Populações Humanas e os Modelos de Mortalidade”, *Fórum Sociológico*, n.º 11/12, Lisboa, 2004, pp. 11-29.
- RODRIGUES, Teresa et alii — “Ageing, Education and Health in Portugal: prospective from the 19th to the 21st century”. In *Hygiea Internationalis*, Linköping, 2009.
- DE SOUZA et alii — *Critical Links: Population, Health and the Environment Population Bulletin*, PRB, 2003.
- RODRIGUES, Teresa et alii — *Regionalidade Demográfica e Diversidade Social*. Porto: Ed. Afrontamento, 2009.
- PISON, Giles — *Atlas de la Population Mondiale. Faut-il craindre la croissance démographique et le vieillissement?*. Paris: Jacquard, 2009.
- NAZARETH, Manuel — *Demografia: a ciência da população*. Lisboa: Presença, 2004.